



# O modelo agrícola de Ludwig

Fontes ligadas ao general João Baptista Figueiredo, chefe do SNI, reafirmaram na semana passada informações anteriormente divulgadas sobre o programa do próximo governo. Segundo disseram, o ponto central deste programa, na área econômica, será mesmo a prioridade ao setor agrícola, visando dar maiores incentivos aos grandes investimentos nesta área.

Esta política teria dois objetivos principais. Em primeiro lugar, seria uma nova tentativa de conter a expansão do déficit no balanço de pagamentos e, em segundo, abrir mais o leque de possibilidades de investimentos estrangeiros no país, através da implantação de grandes projetos agropecuários, o que seria fomentado por um futuro ministério do Desenvolvimento Agrícola, que substituiria, segundo as informações, o atual ministério da Agricultura.

O projeto Jari, empreendimento do bilionário americano Daniel Ludwig na Amazônia, talvez esteja servindo de modelo para o futuro governo. Oficialmente, Jari destina-se à produção de arroz, mandioca, soja, gado, azeite de dendê e madeira (para ser transformada em polpa e papel), tudo em grandes quantidades e visando o mercado externo. Para se ter uma idéia da extensão do projeto, basta lembrar que na semana retrasada saiu de Kure, no Japão, uma fábrica de polpa e uma usina geradora de energia, já montadas em uma plataforma flutuante, encomenda que chegará à costa brasileira dentro de três meses, entrará pelo rio Amazonas, subirá o rio Jari e atracará na localidade de Munguba, dentro da Jari Florestal e Agropecuária.

Munguba não fica muito distante da sede do projeto, hoje funcionando em Monte Dourado, à margem esquerda do rio Jari, no Pará. A infra-estrutura da fábrica está recebendo seus retoques finais. Já estão construídos os tubos de mais de dois quilômetros (por dentro deles correm esteiras rolantes) que levarão sua produção até o porto de embarque. Já estão prontas também as pistas de acesso, rede de água e energia elétrica. É só chegar e atracar.

"Tudo no Jari é muito grande", afirma um ex-funcionário da empresa. "É até difícil querer retratar aquelas distâncias, aquelas máquinas enormes, com simples palavras. É preciso ver, e mesmo assim a gente pensa que não é verdade."

De fato, trata-se do maior latifúndio do país, cuja área é difícil precisar. Sabe-se, que até 1972, Ludwig havia cadastrado no Incra poucos mais de 1 milhão de hectares. Posteriormente, segundo um projeto econômico feito pela empresa para conseguir incentivos fiscais da Sudam, soube-se que a área do Jari somava 3,7 milhões de hectares (do tamanho da Inglaterra e País de Gales juntos). A situação legal destas terras é bastante complicada, pois, de acordo com o Instituto de Terras do Pará (Iterpa), atualmente apenas 440 mil hectares estão plenamente legalizados.

Só na administração do projeto, num cálculo pessimista, a National Bulk Carriers - a principal empresa de Ludwig - gasta hoje cerca de 1 milhão de cruzeiros por dia. No começo do mês passado, a Jari tinha 5.600 empregados que,

**O projeto Jari, na Amazônia, do americano Daniel Ludwig - a maior propriedade do país - vai receber uma fábrica de papel pronta, vinda do Japão. Técnicos do governo acham que ele é o modelo para aumentar as exportações brasileiras**

Jaime Sautchuck

somados aos que são registrados como funcionários das empreiteiras (duas delas, a Cadam e a Setal, pertencem à própria Jari) ultrapassam a casa das dez mil pessoas. As previsões iniciais de Daniel Ludwig - que alguns apontam como o maior magnata americano - eram de investir 500 milhões de dólares até 1980, mas só a fábrica de celulose que está vindo do Japão teria custado 450 milhões de dólares (JB, 28/1/78).

O mais interessante é que Ludwig, segundo se anunciou está fazendo todo este investimento para que o Projeto atinja seu "ponto de equilíbrio" (ou seja quando o retorno de capital se

Desde 1967, quando chegaram ao projeto, transportados de avião, os primeiros 18 tratores, até 1973, foram plantados ali, nas áreas por eles desmatadas, 17 milhões de pés de *gmelina arborea* (75%) e *pinus caribea* (25%), numa área de 15 mil hectares. A *gmelina* é uma árvore africana, encontrada pelos técnicos de Ludwig, que cresce com uma rapidez estrondosa atingindo quatro metros de altura em apenas 12 meses.

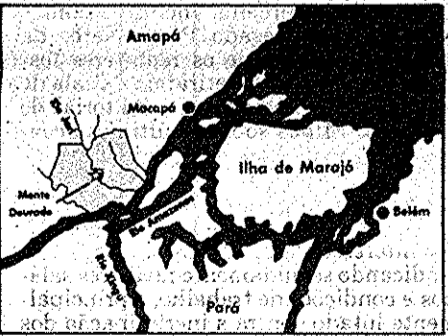
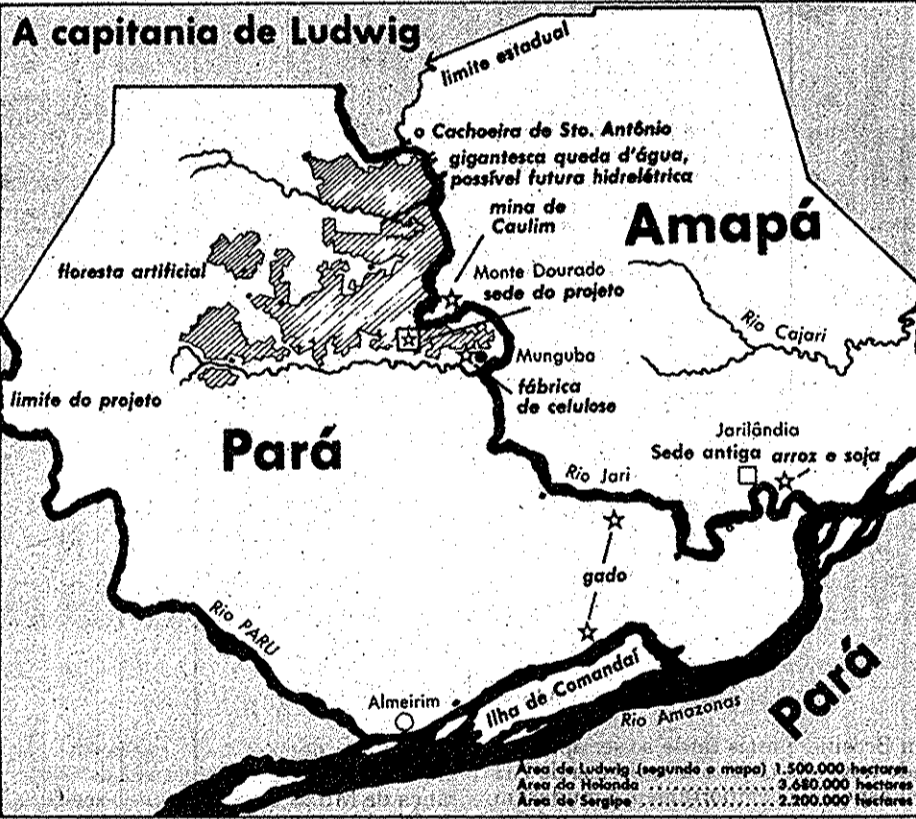
As plantações de arroz, hoje ocupando perto de 15 mil hectares de terra, estão localizadas a 80 quilômetros abaixo de Monte Dourado, próximas à Jarilândia

arroz na Jari, produção que se destinará principalmente ao mercado europeu. O projeto de arroz é controlado pela Companhia Industrial do Amapá e o transporte da produção é feito pela Navegação Sion Ltda e pela Empresa de Navegação Jari, todas subsidiárias da National Bulk Carriers. A soja é produzida na mesma área, alternando-se com o arroz e numa área de 25 mil hectares estão crescendo palmas, para a produção de azeite de dende (*palm oil*). A Jari ainda tem hoje perto de 50 mil cabeças de gado bovino.

No total, portanto, dos 37 milhões de hectares tomados pelo Projeto Jari, um cálculo muito otimista daria como perto de 150 mil hectares a área utilizada na agropecuária e reflorestamento, o que representa menos de 5% do total da área do projeto. Os restantes 3,5 milhões de hectares representam uma área improdutiva ou no máximo livre para toda a espécie de mineração. Segundo o Projeto Radam, a região é rica em bauxita, ouro e diamantes e, segundo se afirma, em minerais radioativos.

Funcionários da Jari contam histórias de aviões que desde o início da implantação do projeto pousam e decolam à noite, supostamente vindos da Venezuela, onde Ludwig também tem propriedades. Muitas pessoas contam terem visto sendo embarcadas nestes aviões caixas de metal muito reforçadas. Oficialmente elas levam documentos, mas ex-funcionários da empresa afirmam que isto não é muito provável, conclusão que se tira pelo peso das caixas. Alguns trabalhadores, com maior conhecimento técnico, sempre suspeitaram de que elas transportam material radioativo. Além disso, é comumente visto em operação em várias regiões do projeto um aparelho de aparência bastante sofisticada, utilizado na prospecção de minério.

É difícil precisar tudo o que Ludwig tem hoje no Brasil, ou mesmo só no Projeto Jari. Mesmo quem já trabalhou em Monte Dourado ou outros pontos do projeto por algum tempo consegue saber pouco sobre ele. Existem, por exemplo, áreas em que não é permitida a entrada de pessoas que não façam parte de um seleto grupo de técnicos, normalmente norte-americanos. Estas áreas, cercadas e com aviso de que é proibido entrar, são rigorosamente vigiadas pela polícia da empresa, que se utiliza de uma espécie de casamatas, munidas de potentes holofotes camuflados, na selva. Muitas fontes, no entanto, encaram estes relatos como "histórias de carochinha", argumentando que Ludwig, que passou a investir no país a convite de altas autoridades do governo federal, não precisaria utilizar estes métodos para gerir seus negócios. Estas fontes insistem que até mesmo a enorme área ocupada pela Jari também não é motivo de preocupação do governo, que prefere acompanhar com interesse as experiências consideradas pioneiras na Amazônia. Exatamente porque seu sucesso pode consolidar o modelo que o futuro governo pretende incentivar em outras áreas da Amazônia e do país: a implantação de grandes projetos agro-industriais por grupos estrangeiros visando a produção num prazo curto, de alimentos ou matérias-primas agrícolas para o mercado externo.



Segundo um mapa elaborado pelo Departamento de Engenharia do Projeto Jari em março de 75 - reproduzido acima - a área da Jari nessa data seria, aproximadamente, de 1,5 milhão de hectares, ou quase a metade da superfície da Holanda. Sabe-se, no entanto, que a Jari tem hoje mais de 3,5 milhões de hectares, segundo dados fornecidos por Ludwig à Sudam, num pedido de concessão de incentivos fiscais e revelados por D. Aloisio Pena, bispo de Marabá, à CPI da Terra de Câmara Federal. No mapa estão indicados os locais aproximados das principais atividades existentes no projeto: plantação de arroz e soja, criação de gado, reflorestamento, extração de caulim. Daqui a três meses, chegará a fábrica de celulose, montada no Japão em cima de uma plataforma flutuante.

...o dinheiro no bolso".